

# Insegurança alimentar dobra no Brasil em 7 anos

Entre mais pobres, fome tem nível de países africanos, indica pesquisa global

A insegurança alimentar no Brasil dobrou de 2014, ano em que a economia entrou em recessão na gestão Dilma Rousseff (2011-2016), até o fim de 2021. O salto foi de 17% para 36% da população, indica pesquisa global Gallup, com dados analisados pelo Centro de Políticas Sociais do FGV Social.

O fenômeno atingiu nível recorde no ano passado e superou, pela primeira vez, a média mundial, de 35%.

O problema afeta mais mulheres, famílias pobres e pessoas de 30 a 49 anos, grupos que geralmente têm mais filhos —comprometendo, portanto, a atual geração de crianças brasileiras.

Dos 20% mais pobres, 75% responderam que havia faltado dinheiro para compra de alimentos nos últimos 12 meses, patamar que se aproxima das nações com os piores cenários, como o Zimbábue (80%). Entre as mulheres, a taxa foi de 47%. O levantamento é feito desde 2006 em cerca de 160 países.

O cenário pode ter se agravado, apontam especialistas, porque não foi captada a nova disparada no preço de alimentos, sobretudo após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, grandes produtores de trigo e milho. Neste ano também caiu o número de famílias que recebem auxílio do governo. Mercado A15

# Insegurança alimentar dobra no Brasil em sete anos e afeta mais as crianças

Entre os mais pobres, a fome tem nível de países africanos, aponta pesquisa global Gallup

Fernando Canzian

**SÃO PAULO** A insegurança alimentar no Brasil atingiu patamar recorde no final de 2021 e superou, pela primeira vez, a média global. Ela afeta mais mulheres, famílias pobres e pessoas entre 30 e 49 anos, grupos que geralmente têm mais filhos — comprometendo a atual geração de crianças brasileiras.

Segundo pesquisa global Gallup realizada desde 2006 em cerca de 160 países, a taxa de insegurança alimentar na população brasileira dobrou a partir de 2014, ano em que a economia entrou em recessão no governo Dilma Rousseff (2011-2016), e tem registrado crescimento medíocre desde então. Segundo os dados do Gallup, analisados no Brasil pelo Centro de Políticas Sociais do FGV Social, a taxa saltou de 17% em 2014 para 36% no fim de 2021. Pela primeira vez ela superou a média global (35%), aferida a partir de 125 mil questionários aplicados no mundo.

Dos 20% mais pobres brasileiros, 75% responderam afirmativamente que havia falta de dinheiro para compra de alimentos nos últimos 12 meses. Entre as mulheres, a taxa foi a 47%; e a 45% para pessoas com idades entre 30 e 49 anos — acima da média global.

"A insegurança alimentar mais elevada nesses segmentos tem efeitos de longo prazo preocupantes por causa do maior número de crianças envolvidas e da desnutrição entre elas", afirma Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

"Impressiona também o aumento abissal da desigualdade de insegurança alimentar. Entre os 20% mais pobres no Brasil, o nível é próximo dos países com maiores taxas, como Zimbábue [80%]. Já os 20% mais ricos experimentaram queda [para 7%], ficando pouco acima da Suécia, país com menos insegurança alimentar." A pesquisa, do fim de 2021, não chegou a captar a nova disparidade dos preços dos alimentos neste ano, sobretudo após o

**“** A insegurança alimentar mais elevada nesses segmentos tem efeitos de longo prazo preocupantes por causa do maior número de crianças envolvidas e da desnutrição entre elas

**Marcelo Neri**  
diretor do FGV Social

início da guerra entre Rússia e Ucrânia — grandes produtores de trigo e milho.

Também foi realizada num contexto em que a Caixa pagou, ao longo de sete meses de 2021, auxílio emergencial a 39,2 milhões de famílias, com valores mensais entre R\$ 150 e R\$ 375. Atualmente, apenas 17,5 milhões de famílias recebem o novo Auxílio Brasil, de R\$ 400 mensais.

Para Renato Mafuf, coordenador da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), todos os fatores que mantinham os níveis elevados de fome entre os brasileiros até 2020 se agravaram no ano passado; e seguem em deterioração neste ano.

Pesquisa da Rede Penssan em dezembro de 2020 mostrou que, no total, mais da metade (55%) dos brasileiros sofriam de algum tipo de insegurança alimentar (grave, moderada ou leve).

"O desemprego segue elevado e a renda, em baixa, sobretudo entre os informais. Temos um benefício social [Auxílio Brasil] menor do que em 2020 [quando chegou a R\$ 600 mensais] e uma guerra entre dois grandes produtores de alimentos", diz Maluf.

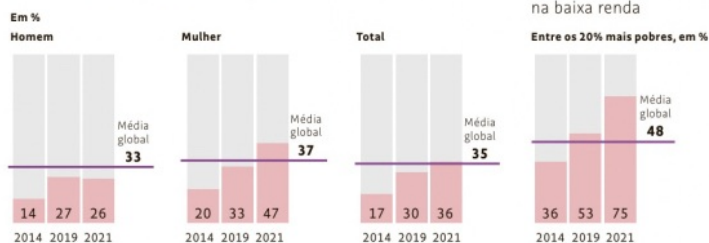
"Para completar, não há po-



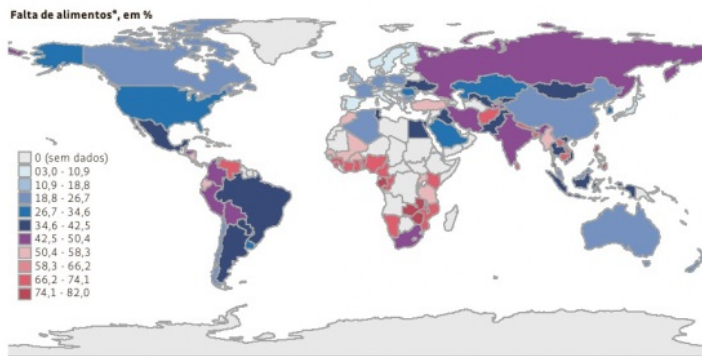
Fila de distribuição de comida na região central do Rio de Janeiro Ricardo Borges - 26.mar.21/Folhapress

## Fome dispara no Brasil

Falta de dinheiro para alimentação\*



## Mapa global da fome



\*Em algum momento, nos últimos 12 meses, faltou dinheiro para a compra de alimentos para o entrevistado ou familiares  
Fonte: FGV Social/CPS a partir dos dados do Gallup World Poll

lítica de governo estruturada contra a fome, só reações voluntárias, com medidas pontuais, como a redução de tarifas de importação. Não há nenhuma razão para acharmos que as coisas possam melhorar."

Segundo projeções da consultoria MB Associados, a inflação de alimentos neste ano deve chegar a 12%, bem acima do IPCA, contribuindo para agravar o quadro de insegurança alimentar.

"Embora haja alguma desaceleração nos preços de commodities metálicas por conta da perspectiva de desaceleração econômica em Europa, China e Estados Unidos, os preços dos alimentos seguem outra dinâmica, com pressões persistentes e descoladas dos índices de atividade", afirma Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados.

## Depois do trigo, Índia restringe exportação de açúcar

**NOVA DÉLI | AFP** A Índia vai restringir a exportação de açúcar para proteger suas reservas como medida de precaução e para reduzir a inflação, pouco depois de proibir as exportações de trigo. As duas medidas acentuam a alta dos preços no contexto de crise agrícola mundial.

O maior produtor mundial de açúcar e segundo exportador depois do Brasil limitará as exportações a 10 milhões de toneladas no período de comercialização, de outubro a setembro, informou o Ministério da Alimentação.

A decisão, que entrará em vigor em 1º de junho, foi adotada "com o objetivo de manter a disponibilidade interna e a estabilidade dos preços durante a safra do açúcar", segundo comunicado.

As exportações de açúcar devem atingir um nível sem precedentes nesta temporada, com contratos assinados para quase 9 milhões de toneladas, das quais 7,8 milhões já foram enviadas, acrescentou a pasta.

Há algumas semanas, alegando inflação e segurança alimentar, a Índia proibiu exportações de trigo sem aprovação prévia do governo. A proibição repentina bloqueou centenas de milhares de toneladas em um grande porto no oeste do país.

# Confiança do consumidor cai com receio sobre inflação e emprego

**SÃO PAULO | REUTERS** A confiança dos consumidores brasileiros piorou em maio, diante da inflação elevada e da dificuldade de obter emprego, segundo dados da FGV (Fundação Getulio Vargas) divulgados nesta quarta-feira (25).

O ICC (Índice de Confiança do Consumidor) da FGV teve queda de 3,1 pontos neste mês, para 75,5 pontos.

O ISA (Índice de Situação Atual), que reflete o sentimento do consumidor sobre o momento presente, ficou estável em 69,1 pontos, enquanto o IE (Índice de Expectativas), que abrange a percepção sobre os próximos meses, recuou 5,1 pontos, para 81 pontos, menor nível desde janeiro passado (80,7 pontos).

"Os resultados mais recen-

## -3,3 pontos

foi a queda no ICC (Índice de Confiança do Consumidor) da FGV em maio, para 75,5 pontos

tes da confiança do consumidor mostram que, apesar da melhora da pandemia e do pacote de incentivos para alívio da pressão financeira das famílias, a inflação e a dificuldade de obter emprego continuam impactando negativamente as famílias, principalmente as de menor renda", ressaltou em nota a coordenadora das sondagens, Viviane Seda

Bittencourt.

Dados divulgados na véspera pelo IBGE mostraram que a alta do IPCA-15, considerada prévia da inflação, desacelerou a 0,59%, de 1,73% no mês anterior. Apesar do número mais baixo, a leitura apresentou a maior variação para um mês de maio desde 2016 (+0,86%) e ficou acima da expectativa em pesquisa da

Reuters, de avanço de 0,45%.

"Além disso, há uma preocupação com as perspectivas futuras que serão afetadas por um ano eleitoral que promete ser bastante acirrado. O cenário para os próximos meses não sinaliza uma tendência clara de recuperação, principalmente diante dos desafios expostos", completou Bittencourt.